

# A Farmácia Decorrente da Medicina Química na Inglaterra Seiscentista.

Ivoni de Freitas Reis (PG)

Ivonireis@funec.br

Avenida Ana Pena de Faria, no. 328  
Limoeiro – 35300-103 - Caratinga - Mg

Palavras Chave: *Farmácia, Química Médica.*

## Introdução

Uma “nova farmácia”, baseada nos preceitos alquímicos-químicos e filosóficos da medicina química, ganhou corpo e cada vez mais adeptos na Europa do século XVI. A necessidade de purificação, dos cuidados com a dosagem, a atenção dedicada ao processo, apontavam o médico químico como o profissional mais adequado para exercer a medicina e combater os “novos” males que assolavam o continente europeu.

Na Inglaterra, como na maioria dos países do continente, as instituições de ensino só aceitavam os medicamentos preparados conforme a prática galenista – a medicina humoralista, que tratava segundo o princípio dos opostos. Entretanto, era cada vez maior o número de médicos e boticários que, mesmo não concordando com a filosofia paracelsiana, adotavam totalmente os remédios quimicamente preparados e tentavam combater as doenças pelo princípio dos *simili*.

Segundo Paracelso, a alquimia era a arte de revelar o que estava oculto, “as grandes virtudes da natureza não seriam evidentes para ninguém, se a alquimia não as sacasse à luz e as tornasse visíveis”. Portanto, não se poderia conhecer as verdadeiras propriedades dos medicamentos, sem que os fizesse passar pelos processos químicos de purificação e pela extração da quintessência.

A principal diferença entre a farmácia paracelsiana e a galênica, centrava-se no fato da primeira utilizar compostos metálicos nos medicamentos e prepará-los segundo os preceitos alquímicos-químicos.

R. Bostocke, um paracelsista convicto e ardoroso defensor da ancestralidade da química médica, no *The Difference...*, publicado em 1585, ele afirmava que, de substâncias aparentemente hostis, como o mercúrio e o arsênico, poderiam ser extraídos excelentes medicamentos; bem como, em substâncias de aparência inofensiva e saudável, como no mel, no açúcar, no vinho... muita toxidez poderia ser encontrada. Com essa afirmativa, Bostocke não só estava colocando a necessidade de purificação como prioritária, na sua forma de pensar a química médica, como também apontava para a direção de uma medicina feita através da separação de ingredientes, e não pelo uso integral das

substâncias ou pela composição de várias,, conforme era utilizado na farmácia galênica .

É possível perceber entretanto, que, diferentemente daqueles que aceitavam apenas os medicamentos quimicamente preparados e não admitiam o uso interno dos não-manipulados, ou crus, Bostocke não os rejeitava com veemência, em alguns momentos de sua obra ele elogia a utilização de folhas de ouro, pérolas moídas, em caldos ou bebidas, pelos galenistas, em outros ele adere ao uso de infusões de menta, de camomila e de algumas outras ervas, mesmo sem passar por preparações químicas. Inegável é, entretanto, a sua confiança na purificação e doseamento feita pelos métodos dos médicos químicos.

Surgiu, neste período, uma grande quantidade de manuais divulgando os quimicamente preparados, em alguns deles, a forma de preparo desses medicamentos era descrita com enorme riqueza de detalhes, bem como, todo o processamento de purificação, cuidados com a dosagem e até a forma de ministra-los ao doente, seguindo rigorosamente os preceitos da iatroquímica.

Paracelso colocava o mercúrio como o protótipo do agente patogênico, desse modo, os paracelsistas o consideravam como a “substância” básica para uma imensa gama de medicamentos e era utilizado como matéria prima para a preparação do mercúrio filosofal, ou do medicamento perfeito.

Bostocke acusava os galenistas de utilizarem o mercúrio cru, em sua forma bruta, para purgar. Recomendava o seu uso “como faziam os médicos químicos”, após queima-lo, a água de suas cinzas poderiam ser utilizadas para limpar o bálsamo e remover as corrupções. Recomendava também o uso do mercúrio sublimado para as doenças do mercúrio e a sua tintura para a remoção de intoxicações.

Ao tratar do remédio “específico” para doenças “específicas”, Paracelso recomenda o mercúrio como o medicamento mais adequado para hidropisia, a medida em que este seria capaz de extrair o sal da carne, “que é um processo químico de solução e coagulação. O mercúrio deveria assim, dissolver o sal que tem uma ação corrosiva nociva, aos órgãos, ele causaria vômitos e sudorese. Paracelso acrescenta “entretanto, é um erro considerar que vômitos suores pudessem curar um paciente...”

## Agradecimentos

Agradeço, ao Centro Universitário de Caratinga, UNEC, pelo apoio incondicional e a Profa. Dra. Ana Maria Alfonso-Goldfarb do Cesima, PUC – SP, pela incansável Orientação.

Bostocke, R. *The Difference Betwene the Auncient Phisicke, First Taught.. And the Latter Phisicke*, 1585.

Paracelsus. *Essential Readings*. Selected and Translated by Ncholas